

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Reis de Boi: Permanências e transformações

Fabiane Vasconcelos Salume Zimerer¹

Ana Rita Vitor de Assis Zordan²

Resumo:

O Reis de Boi é uma expressão da cultura popular capixaba presente no Norte do ES. Atualmente a quantidade de grupos em atividade está diminuindo a cada ano. A falta de interesse dos mais novos, a intolerância religiosa e a ineficácia na transmissão dos saberes são apenas alguns dos problemas apontados pelos mestres nas entrevistas durante a pesquisa de campo. A preocupação com a extinção dessa prática cultural devido a esses e outros fatores permeia o discurso de todos os mestres entrevistados. Nossa pesquisa busca identificar as permanências e transformações ocorridas nessa prática cultural e os fatores responsáveis por esse processo para tentar entender que lugar ocupa essa e outras práticas culturais populares nesse mundo atual, dominado pela cultura de massa.

Palavras-chave: Reis de Boi; Memória; Cultura Popular Capixaba.

Introdução

São Mateus, cidade localizada ao norte do Espírito Santo possui um Patrimônio Cultural material e imaterial de grande relevância. Entre os bens imateriais encontram-se práticas culturais que em sua maioria são ligadas à religiosidade de seu povo, seja esta católica, trazida pelos portugueses, ou de religiões praticadas pelos outros elementos constituintes da formação racial do povo de São Mateus, como índios e negros. Várias dessas práticas já foram extintas, restando apenas o Jongo e o *Reis de Boi*.

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Correio eletrônico: fabisalume@hotmail.com

²Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Correio eletrônico: assiszordan@bol.com.br

Apesar de ser uma das poucas expressões culturais remanescentes na região de São Mateus e de possuir características bem peculiares que a tornam singular no Brasil, o *Reis de Boi* é pouco reconhecido pela sociedade local em geral, ficando mais restrito à periferia e às comunidades rurais, tendo na Festa de Santos Reis, que acontece todos os anos, no bairro Pedra D'água, o momento de maior abrangência e visibilidade. Essa festa também é o ponto de partida das apresentações, que acontecem no período de seis de janeiro, dia de Santos Reis e se estende até três de fevereiro, dia de São Brás.

Essa pesquisa buscou mapear os grupos de Reis de Boi em atividade em São Mateus, delinear o perfil dos seus componentes; encontrar antigos mestres ainda vivos para entrevistá-los, entender os processos de manutenção e renovação ocorridos nessa prática cultural. Em nossas idas a campo durante o processo de pesquisa, nas entrevistas com os mestres, percebemos uma enorme preocupação com a sobrevivência do *Reis de Boi*, uma vez que na região várias expressões da cultura popular já foram extintas. De fato, ao levantar dados sobre a festa de Santos Reis, constatamos um número cada vez menor de grupos que se apresentam, ano após ano. Vários foram os motivos apontados pelos mestres para essa preocupação, entretanto, percebemos que é quase unânime a esperança depositada nos mais novos, geralmente membros da família, de perpetuação dessa prática cultural, considerada por eles “tradição de família” e, portanto, deixada como herança aos mais jovens. “A tradição é a força que dá unidade às gerações, mantendo o grupo vivo no curso do tempo, fazendo com que a sociedade perpetue-se.” (ROCHA, 2004, p.15).

Observa-se então que a garantia da preservação, para os mestres, está na transmissão dos valores, de geração a geração. Segundo Joel Candau: “A eficácia da transmissão, quer dizer, a reprodução de uma visão de mundo, de um princípio de ordem, de modos de inteligibilidade da vida social, supõe a existência de “produtores autorizados” da memória a transmitir: família, ancestrais, chefe, mestre, preceptor, clero etc.” (CANDAU, 2011, p.124). Apesar dessa esperança, identificamos certa incerteza de que esses jovens de hoje possam garantir a permanência desses rituais no futuro. Os mestres ao falarem dos jovens de hoje, estão também se referindo ao mundo de hoje e expressando sua preocupação com o espaço reservado para a cultura popular nesse mundo.

Com o mapeamento constatamos um número cada vez menor de grupos em atividade, segundo os mestres entrevistados, que relataram um quantitativo de vinte e dois grupos só em São Mateus há poucos anos atrás. Atualmente encontram-se ativos cerca de quatorze

grupos, sendo nove grupos em São Mateus e cinco em Conceição da Barra.³ Esse número pode variar de um ano para o outro, pois às vezes um grupo não sai num ano por algum problema interno, mas levamos em consideração os grupos que se apresentaram com certa frequência, nos últimos cinco anos.

Reis de Boi

O Reis de boi é uma prática cultural popular bastante peculiar que incorpora em seu ritual duas partes distintas: “Uma a semelhança das Folias de Reis, faz o pedido de abrigação de portas, louvações sagradas e saudações aos moradores; outra lúdica e dramática, com apresentação de entremeios como um Bumba-meu-boi” (PASSARELLI, 2006, p.). Essas semelhanças apontadas por Passarelli faz com que muitos se refiram ao Reis de Boi como Folia de Reis, porém basta assistirmos a uma única apresentação para entendermos as diferenças⁴. Neves (2008) relaciona o Reis de Boi com o auto do Bumba meu boi:

O *Reis de boi* que vimos ali representado assemelha-se aos Bumbas-meu-Boi do norte e do nordeste. Claramente se verifica que a Catirina deve ser a mesma Tia Catarina do Bumba baiano e a Mãe Catarina do Bumba do Maranhão. Mas o ponto de referência mais estreito está no Boi – figura central nos dois autos populares. Como nos Bumbas-meu-Boi, o animal do *Reis de boi* entra em cena, dança, cabrioleia, dá marradas e, lá pras tantas morre. [...]. Num e noutro folguedo, o Boi ressuscita, e torna a dançar e a dar marradas nas figuras e nos assistentes. (pp.102-103).

As semelhanças são muitas, mas há diferenças importantes que não nos permitem dizer que o Reis de Boi seja apenas uma nomenclatura dada, no Espírito Santo, ao Bumba-meu-Boi. Neste ponto, é importante frisar que segundo Passarelli (2006), ao contrário de tantas outras manifestações que recebem diferentes nomenclaturas em diferentes regiões do país,

³ Os grupos identificados em São Mateus: Reis de boi dos Barros, Reis de boi de Luiz Laudêncio, Reis de boi de Antônio Galdino, Reis de Boi de Benedito Machado, Reis de boi de Valentim, Reis de boi de Benedito Assis, Reis de boi Mirim de Pedra D’água, Reis de boi do Paixão. Em Conceição da Barra: Reis de boi de Mestre Nilo, Reis de boi de Mestre Nenem, Reis de boi das Barreiras, Reis de boi de Antonio Conceição e Reis de boi de Tião de Véio.

⁴ O período de apresentação da Folia de Reis ocorre de 24 de dezembro a 6 de Janeiro, o do Reis de Boi começa 6 de janeiro e vai até 3 de fevereiro. Outra diferença é que o Reis de boi tem a ‘brincadeira do boi’ que embora o vaqueiro também use máscara, não tem relação nenhuma com a significação do palhaço da Folia. Além das diferenças nos instrumentos, vestimentas e no próprio ritual.

o Reis de Boi não possui sinonímia, ou seja, não existe outra denominação para esta manifestação em nenhuma parte do Brasil.

Os grupos

Os grupos trazem consigo a tradição do *Reis de boi*, transmitida de geração em geração, através da oralidade e da prática.

“A minha história vem do meu bisavô. Do meu bisavô passou pro meu avô, do meu avô passou pra meu tio, essa...festa de Reis-de-boi, né, passou pro meu tio, do meu tio aí passou pra mim”. (Benedito Machado)

“Dos avôs, de pai pra filho, de filho pra neto já, que eu já tenho neto já, já brincando.” (José Antonio dos Santos conhecido por Zeca Laudêncio).

Esta transmissão de conhecimento e de prática começa geralmente quando ainda são crianças e vão crescendo dentro do grupo e aprendendo com os mais velhos até se tornar adulto e assumir a condição de Mestre.

“Até meu avô eu acumpanhei, eu vim acumpanhando, despois meu bisavô já num acumpanhei, mas tinha a mesmas histórias, eles contavam a mesma história, era do mesmo jeito. Então quando chegou no meu tio, aí que eu cumpanhei o meu tio, então, hoje eu tenho 60 anos de cumpanhamento de Reis-de-boi. [...] quando eu cumecei acumpanhá meu tio eu tava com 12 anos [...]”. (Benedito Machado).

“Eu tava com doze ano quando cumeço, [...] nos somos em cinco irmão, só que os outro se afastaram, um bucado já morreu e aí num tem mais. Aí ficou eu mais meu pai e fomos cumeçando, os outro acabando (se referindo a outros grupos) e eu fiquei, tô com 73 anos agora, entendeu [...] Quer dizêr, tô com 73, com 12 eu tô com 61, 61 anos que eu luto com esse grupo de folclore.” (Zeca Laudêncio).

Os participantes dos grupos em sua maioria são pessoas de uma mesma família: avôs e avós, pai, mãe, filhos (as), netos (as), sobrinhos (as), noras e genros entre outros, que no nosso entendimento, é fator primordial e determinante para a perpetuação do Reis de Boi. Todos participam ativamente, contribuindo de diferentes maneiras. Existem aqueles que atuam diretamente e aqueles que dão suporte exercendo atividades como: a confecção e conserto do uniforme, a produção ou reforma dos chapéus, a organização da festa de encerramento, entre outras. “[...] e no preparativo de chapéu, eu que enfeito o chapéu, né, boto as flor, as fita, a ropa, a gente enfeira a ropa, né, do Pai Francisco, [...]”. (Dona Mateolina Cruz Machado, esposa de seu Benedito Machado).

A quantidade de participantes por grupo pode variar entre 14 e 30 integrantes. Além do Mestre, outros personagens que compõem o grupo são: O Violeiro, o Sanfoneiro, os Marujos, o Vaqueiro, o Boi, a Catirina e os Bichos.



Grupo de *Reis de boi* dos Laudêncios 2, a 'brincadeira do boi' – 2014, Fotografia: Fabiane Salume.

O *Sanfoneiro* e o *Violeiro* são os responsáveis pela harmonia das músicas. Posicionam-se um de frente para o outro, em par, no início das filas. O sanfoneiro e o violeiro têm que estar afinados um com o outro. Todos os mestres nos relataram a importância da afinação e do “casamento sonoro” entre estes dois instrumentos. O som dos dois é como o som das vozes dos Marujos, que devem se equilibrar num encontro entre vozes mais graves e mais agudas, as quais eles chamam de *primeira* e *segunda voz*. São eles também que fazem as “evoluções”, sendo seguidos por todos os marujos. Há de se ressaltar a importância dos músicos como personagens indispensáveis para a existência e prática do *Reis de boi*. A ausência de um dos músicos já é suficiente para que o *Reis* não se apresente. “*Se não tiver o sanfoneiro, não tem Reis*”. (Sr Jose Luiz Barros)

Durante nossas entrevistas, todos os grupos deixaram registrados a sua preocupação com a formação de novos “tocadores”, principalmente de sanfona de oito baixos. A escassez de sanfoneiros leva um mesmo sanfoneiro a tocar para diferentes grupos.

Os *Marujos* tocam os instrumentos de percussão e cantam as marchas, ocupando funções de *guia*, ‘*contra guia*’ e *coro*. Depois do par formado pelo sanfoneiro e pelo violeiro, vem o par de *guias*, seguido pelo par de “*contra guias*” e por fim, seguido do restante dos marujos, sempre aos pares. Os *guias* é que puxam a marcha, geralmente os dois primeiros

versos de uma quadra, respondidos pelos “*contra guias*”. Os pares seguintes formam o *coro* que repetem os “*contra guias*”.

O *Vaqueiro* é personagem da “*brincadeira do boi*”. Este personagem misterioso se esconde atrás de uma máscara e durante a brincadeira é ele quem conduz a venda, a morte e a ressurreição do boi. Nesse ponto é bom ressaltar que muitos mestres nos relataram que atualmente muitos vaqueiros não fazem mais a repartição do boi como acontecia antigamente, segundo eles porque muitos vaqueiros não sabem mais rimar e improvisar, habilidade imprescindível para o bom desempenho do personagem. Segundo Aguiar (2005, p. 103), antigamente, acontecia assim:

Dentre os personagens, o Pai-Francisco [sic], também conhecido como vaqueiro, ocupa lugar de destaque na preferência do povo que acompanha com entusiasmo as apresentações do Reis-de-Boi, onde ele vira atração da festa, aproveitando a ocasião para “vender o boi” para o dono da casa, sapateando ao som da melodia contagiante, falando em versos hilários e provocativos e, principalmente, “repartindo o boi” – oferecendo-o aos “fregueses”, sempre cobrando pelo seu “serviço” e satirizando os acontecimentos de desagrado da comunidade.

A repartição do boi, citada acima, acontecia quando o dono da casa não queria mais comprar o boi que estava morto, o vaqueiro então, vendia as partes separadas e cantava em versos como descrito abaixo por Aguiar (2005, p. 116):

*Escrevi uma carta,
cobrei de Joaquim,
me manda o dinheiro* *Escrevi uma carta*
do peso do fucim... *para Seu Antônio Pife,* *Escrevi uma carta,*
 me manda o dinheiro *cobrei do Teorfe,*
 do peso do bife... *me manda o dinheiro*
 do peso do bofe...

E assim continuava rimando até que todas as partes do boi fossem vendidas. Era enorme a quantidade de versos, todos guardados na memória e inclusive alguns improvisados na hora, com os nomes de algumas pessoas presentes. Essa habilidade de improvisar foi apontada como uma das causas, do desaparecimento da “repartição” do boi. Sr. Paixão⁵, nos diz “[...] antigamente eles faziam isso, hoje quase ninguém faz, porque muitas das vezes nem sabe reparti um boi mais. Tem muitos vaqueiros que não sabe.” Também sobre

⁵ Mestre do Reis de boi do Paixão

essa dificuldade, Sr. Benedito Machado nos relata: “Mais num é todos Pai-Francisco que sabe fazê essa não, precisa ser um Pai-Francisco muito sabido, que sabe fazê isso”.

A *Catirina*, personagem que é encontrado em quase todos os folguedos do boi e faz o contraponto cômico. É a esposa do vaqueiro, sendo sempre representada por um homem vestido de mulher. Também aparece de máscara, quando entra em cena, diverte a todos tirando os homens pra dançar, causando ciúmes no vaqueiro que exige o dinheiro de quem dança com ela. “*cada pessoa que ela arrasta pra dançar, ela faz uma cobrança, aí a pessoa dá aquilo que tem [...] todos que dançar com ela tem que dá alguma coisa, uns paga dois reais, uns paga cinco, outros paga dez reais*”. (Sr. José Luiz Barros).⁶

O *Boi* é o personagem principal da ‘*brincadeira*’. Aparece sempre acompanhado do Cachorro e do Vaqueiro. É constituído por uma cabeça confeccionada em papel machê, pintada e adornada e no lugar do corpo, coloca-se um tecido preso à cabeça, que esconde o brincante na hora da apresentação. Embora traga em si um aspecto brincalhão e profano dentro da manifestação, é importante lembrar que o boi se relaciona com o momento sagrado do nascimento do menino Jesus, que segundo as Escrituras Sagradas, nasce em um estábulo cercado por animais, inclusive o boi. Esta relação nos foi descrita pelo Sr. Benedito Machado:

“Quando Jesus nasceu ele nasceu numa manjedôra, e você entende o que é uma manjedôra hoje? [...] é um curral que hoje tem e nesse curral tinha um cocho [...] e ali, Nossa Senhora ficou iscundida e ganhou esse menino. [...] então foi aonde nasceu o Reis de boi, por isso que eles botaram o boi, botaram a loba que é a égua e botaram o cachorro que tava chegando na hora e ficaram “aqueitando” (esquentando, aquecendo) Jesus na quentura ali”.

Os *Bichos* variam em quantidades e tipos, de acordo com o grupo. Além de animais, há também a presença de serem fantásticos, do imaginário popular. A entrada dos bichos é revestida de grande euforia, um misto de curiosidade e medo toma conta de todos que acompanham a apresentação, principalmente as crianças. Os bichos investem contra as pessoas assustando e divertindo os presentes. Não existe um quantitativo de bichos pré-determinado, variando de acordo com o grupo, porém, de acordo com seu Valentim Pereira⁷, “*quanto mais Bicho melhor é o Reis*”.

⁶ Mestre do Reis de boi dos Barros

⁷ Mestre do Reis de boi do Valentim

Os instrumentos musicais

Os instrumentos utilizados são o violão, a sanfona de 8 baixos e os pandeiros. Porém, pode haver variações como no caso do Reis de boi dos Laudêncios onde encontramos o afoxé, o reco-reco e o tamborim. Os pandeiros são responsáveis pelo ritmo das marchas. A batida dos pandeiros é basicamente dividida em três tipos: o tempo forte marcado por uma batida com o polegar, uma base que varia segundo a marcha e a batida final com um repique.

A sanfona e o violão são responsáveis pela harmonia da música, por isso, ser de boa qualidade é fundamental. Segundo o Sr. Paixão, não é qualquer sanfona que dá conta de acompanhar o *Reis*, tem que ser de oito baixos e ter boa sonoridade. Antigamente os instrumentos eram produzidos artesanalmente. Sobre a feitura dos pandeiros, Sr. Benedito Machado assim nos relata: “[...] e aí fizeram o pandêro, num era esse pandêro de tarracha, foram no mato tiraram uma madêra, fizeram a ripa, o arco (arco) do pandêro, pegaram o coro do boi fininho, fizeram o pandêro”.

As marchas

*“Santos Reis estão me chamando
pra com eles passeá
onde eles estiver
eu também vou estar”.*⁸

As Marchas, assim como os demais elementos compositivos e participativos do *Reis de boi*, ocupa seu lugar de destaque com uma variedade de ritmos, letras e melodias que animam e dão sentido a cada momento vivido e representado nesta manifestação.

A composição das Marchas geralmente é feita pelos mestres ou por integrantes do grupo, e muitas vezes de forma coletiva, feita na hora dos ensaios, ou ‘tirada’ antes e melhorada na hora para adaptar ao violão e à sanfona, “pra ficar tudo encaixadinho”. Segundo Sr Antonio Galdino “[...] Cada um tira e vai juntando né [...] A gente ensaia e vê: essa tá boa?” . Assim também nos relata Sr. Valentim: “É, porque é o seguinte, chega lá talvez a

⁸ Trecho do ‘Som de Reis’ citado pelo Sr. Paixão.

gente tá cantando uma marcha, num pega na sanfona e no violão, o cara tem outra melhor, bota ela, num tem problema não.”

Seu quantitativo é variável. Alguns Mestres falaram em 12, 16 e houve quem nos relatasse até 25 marchas ao todo. Esta variação ocorre dependendo do lugar onde o *Reis* se apresenta. “Quando a gente apresenta numa casa, numa comunidade, que já chega ali no horário certo, então a gente apresenta as musicas todas. Quando a gente chega lá nos Santos Reis (referindo-se a Festa de Santos Reis) então, porque é muito *Reis* que vai pra lá, então, são marcada (contadas) as musicas”. (Sr. Benedito Machado)

Apesar da flexibilidade no quantitativo de marchas, existem aquelas que estão sempre presentes, são obrigatórias e apresentadas seguindo uma ordem, são elas: *O Som de Reis (Reis da Porta)*, o *Descante*, a *Marcha de Entrada*, a *Marcha de Ombro*, o *Baiá*, a *Marcha do Vaqueiro*, a *Marcha do Boi*, a *Marcha dos Bichos*, a *Marcha de Despedida* e a *Marcha da Retirada*. Cada marcha possui suas características e seu momento de apresentação.

Vale ressaltar dois fatos curiosos: o primeiro é a ausência de registro escrito das letras das Marchas, delegando ao Mestre e aos guias a responsabilidade do ensinamento, que é feito de forma oral e repetitiva nos ensaios, até que todos memorizem. O segundo é que as Marchas são sempre inéditas, ou seja, todos os anos novas marchas são escritas. Esta singularidade faz com que os temas utilizados na escrita das letras das marchas, abordem, além das temáticas religiosas, clássicas e habituais, também, atualidades de cunho político, social e econômico. É a tradição permitindo-se mesclar e interagir com o meio circundante, confirmando o dinamismo da cultura.

“Eu fui lá em Brasília

Visitei Sarney nosso Presidente

A promessa que ele fez

Ele não cumpriu e enganô muita gente”⁹

O ritual

O ponto de partida para o início das apresentações é a Festa de Santos Reis, que acontece na comunidade de mesmo nome situada no bairro Pedra D'água, um dos mais antigos de São Mateus. Essa festa acontece tradicionalmente todos os anos no dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis, ou no sábado mais próximo a esta data. As festividades têm início com uma procissão em devoção aos Santos Reis, saindo da igreja e percorrendo um pequeno trecho até às margens do Rio Cricaré. Todos os grupos de Reis que irão se apresentar participam da procissão, juntamente com a comunidade e com várias pessoas que vem para prestigiar, inclusive turistas. À beira do rio é feita uma oração pelo Pároco presente e depois todos retornam à praça em frente à igreja para uma missa campal.

As apresentações de Reis de boi, na festa, acontecem em dois momentos: o sagrado, dentro da igreja e o profano, fora, na praça em frente à mesma, onde acontece a “brincadeira” do boi. Após o primeiro grupo se apresentar na igreja, este vai para a rua apresentar a segunda parte, que é a do boi. Enquanto isso o segundo grupo, apresenta a primeira parte na igreja e assim sucessivamente, até que todos os grupos tenham se apresentado dentro e fora da igreja. Os grupos que não estão se apresentando prestigiam a apresentação dos demais.

A apresentação do grupo começa na porta de igreja, que fica fechada e se mantém assim até terminar o pedido de “*abrição*” de portas. O grupo se posiciona formando duas filas, começando pelo Sanfoneiro e o Violeiro, seguido pelos guias, contra guias e o restante dos Marujos, sempre aos pares. As Marchas cantadas na porta são: O *Som do Reis* e o *Descante*, ambas cantadas apenas pelo *guia* e “*contra guia*”. Aqui notamos uma mudança no modo de apresentação. Segundo Sr. Antônio Nascimento¹⁰, além dele, os grupos de Reis de boi que ele conhece, não cantam mais os 25 versos do Som de Reis. Ele diz que muitos nem sabem mais os versos, que ele garante, aprendeu com o pai e são versos que narram o nascimento do menino Jesus e a visita dos três Reis Magos. Realmente observamos que os outros grupos não mantêm essa tradição, somente o Reis de boi de Mestre Nilo ainda canta o *Som de reis* ou *Reis de porta* integralmente.

¹⁰ Mestre de Reis de boi da comunidade são Cristóvão.

Aberta a porta, o *Reis* entra cantando a *Marcha de Entrada*, que é o pedido de licença, a saudação. Os grupos ajoelham-se diante da imagem dos Santos Reis, guiados pelo Violeiro e o Sanfoneiro. Dentro da Igreja, os grupos de uma forma geral, apresentam outras duas ou três marchas e se retiram. Neste ponto termina a parte sagrada da manifestação com a participação apenas dos músicos e dos Marujos.

Do lado de fora da Igreja começa a “brincadeira do boi” e aos músicos e marujos, juntam-se os demais personagens. Após a Festa, os grupos se apresentam em locais onde são convidados, no período de seis de janeiro até três de fevereiro, dia de São Brás. Sobre estas apresentações, mais transformações, alguns Mestres nos relatam que antigamente brincavam de *Reis* por três dias e três noites seguidas pra cada santo: Santos Reis, São Benedito e São Brás.

“[...] saía todo mundo a pé [...] era quatro noite rolado, saía do dia três ao dia seis, então num vinha em casa não [...], você saía dia 3 e chegava dia 7 em casa [...] aí pegava dia 18 e chegava dia 21 em casa também, então onde você cantava, por ali você dormia, amanhecia e ia pra outro lugar [...]”. (Sr José Luiz Barros).

Quem convida não paga nada, a não ser que ofereça uma ajuda para a locomoção do grupo, mas a tradição é a de oferecer um jantar ou um lanche caprichado para todos os integrantes do grupo e os que com eles forem. O transporte do Grupo é particular e feito com recursos próprios. A despesa é dividida igualmente entre os membros do grupo, que apesar dos custos, fazem o possível e o impossível para festejar e brincar o *Reis*. No dia 03 de fevereiro, dia de São Brás, ou no sábado mais próximo desta data, acontece a festa de encerramento organizada por cada grupo isoladamente ou em grupo como no caso do *Reis* do Valentim e dos Barros. De acordo com a tradição é neste dia que acontece a “benção das gargantas” que segundo os brincantes “*é prá gente podê cantá ano que vem*”.

Permanências e transformações

Como podemos perceber várias mudanças ocorreram no ritual do Reis de boi ao longo desses anos. Sabemos que a cultura é dinâmica e não temos uma visão purista a respeito dessas transformações. O que nos interessa nessa pesquisa é entender quais foram essas

mudanças, como elas ocorreram, por quais motivações. Também nos interessa saber como essas mudanças são sentidas e entendidas dentro do grupo, por seus participantes, a visão dos mais velhos e dos mais jovens. Por outro lado, o que permaneceu, porque permaneceu, quais os fatores influenciaram ou não essas transformações ou permanências.

Mais do que as mudanças no ritual apontadas anteriormente - mudanças nas vestimentas, modos de fazer instrumentos, de cantar o Reis, de partir o boi - desejamos entender as mudanças nas relações sociais no interior dos grupos. Quem são as pessoas que hoje mantêm essa tradição? Quais fatores foram responsáveis pela manutenção dessa prática cultural até os dias de hoje? Como era esse tempo passado onde essas práticas culturais ocupavam um espaço central na vida da comunidade? Quais medidas são necessárias para a salvaguarda dessa expressão da cultura popular? Qual o perfil dos sujeitos aos quais caberá a missão de perpetuar essa tradição? Quais os processos de transformação a cidade, a comunidade e as pessoas sofreram em seus modos de pensar, de agir, em suas relações com a religiosidade, com a família, enfim com o mundo?

Acreditamos que ao tentar responder essas perguntas nos propomos um entendimento dessa prática cultural de uma maneira mais profunda, que busca descobrir qual o lugar, na atualidade, reservado às culturas populares? Como essas práticas culturais se relacionam com a contemporaneidade e a dominação da cultura de massa. Será que essas transformações que ocorreram no Reis de boi são fruto dessas relações? São muitas perguntas que ainda precisam ser respondidas. Porém esperamos que, ao dar voz àqueles que mantiveram viva essa prática cultural até os dias de hoje, essa pesquisa possa contribuir para o reconhecimento e a manutenção dessa belíssima manifestação da cultura popular.

Bibliografia

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

PASSARELLI, Ulisses. **Reisados Brasileiros: tipologia**. 2003. Disponível em: <<http://www.docstoc.com/docs/105294613/TIPOLOGIA-DOS-REISADOS-BRASILEIROS>>. Acesso em: 25.04.2013.

ROCHA, Henrique. **Refletindo os conceitos de Folclore, Cultura Popular e Tradição.**
In: MARTINS, Clerton (Org.). *Antropologia das Coisas do Povo*. São Paulo: Roca, 2004.